

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 05 – Sociologia na Educação Básica

**CINEMA E SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
DEBATES SOBRE A EUGENIA E MISCIGENAÇÃO COMO FORMAÇÃO SOCIAL
DO NEGRO BRASILEIRO PELO OLHAR DO CURTA METRAGEM “PRETO NO
BRANCO” (2017)**

Marina Costa Schulmaister¹.

INTRODUÇÃO

O seguinte relato de experiência tem como objetivo apresentar o planejamento de cinco aulas de sociologia, ministradas em uma turma de 2º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Tiradentes, localizado no bairro Borda do Campo, município de São José dos Pinhais, no estado do Paraná, no ano de 2025. A partir da identificação da reprodução de práticas racistas em sala de aula, como o racismo recreativo (Moreira, 2019), faz-se necessário o desenvolvimento de uma sequência de aulas que irão auxiliar na desconstrução dos ideais racistas, a partir da compreensão de sua gênese. Estas aulas são uma sequência de estudos que apontam a relação do pensamento eugenista, construído na Europa do final do século XIX, com a formação do pensamento social brasileiro, ao que diz respeito à questão étnico- racial do negro (pretos e pardos- identificados como miscigenados) no período pós-abolição da escravidão.

¹ Mestranda em Sociologia no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com bolsa financiada pela CAPES. Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR 2018). Professora PSS de sociologia na rede pública de ensino básico do Estado do Paraná, desde 2019. marina.schulmaister@ufpr.br

A partir de aulas expositivas, grupo focal e o uso do cinema como recurso e/ou ferramenta pedagógica, será apresentado neste ensaio uma proposta de planejamento, específico em sua concepção, mas que pode servir como exemplo para outras práticas pedagógicas onde a temática das relações étnico- raciais e a formação social brasileira, tão pertinentes nos estudos socioantropológicos acerca dos indivíduos e relações travadas no cotidiano brasileiro, não são tratadas com sua profundidade e combatividade (ao se tratar da prática do racismo nos ambientes escolares), ainda que adequadas às metodologias e concepções de aprendizado do ensino básico.

Este ensaio é também, um recorte, ou melhor, uma etapa do desenvolvimento de minha pesquisa etnográfica e intervenção escolar como projeto ligado ao mestrado profissional em sociologia. O desenvolvimento desta análise se dá pela perspectiva observada em uma turma de ensino médio e não reflete as demais experiências vividas com outras turmas (que serão citadas na dissertação), portanto não são o resultado final de uma pesquisa mais ampla que se encontra em andamento.

METODOLOGIA

Todo o planejamento das 5 aulas é desenvolvido com base em uma intervenção pedagógica, que se desenvolve inicialmente pela exposição de uma pesquisa histórica, a qual aborda as concepções da eugenia na Europa dos séculos XIX e XX, a fim de contextualizar o desenvolvimento do pensamento que dará justificativa para os desdobramentos do pós-abolição da escravatura. O tema da eugenia é apontado como central para que se possibilite a construção do pensamento crítico acerca das hierarquizações entre grupos sociais através da ideologia racial, para que elas servem no contexto histórico analisado e consequentemente, como irá afetar no processo de formação da sociedade brasileira e suas mazelas.

Depois da exposição do conteúdo (em 3 aulas), é realizada a primeira intervenção. O grupo focal surge com o intuito de identificar quais são as assimilações desenvolvidas pelos estudantes com as aulas expositivas direcionadas até então. Junto das próprias experiências vivenciadas ou presenciadas pelos estudantes, os quais através de relatos e percepções (incitados por indagações que alimentam a discussão), assimilam a vivência da eugenia como parte da estrutura racista que sustenta a sociedade em que vivemos, contribuindo para que a própria prática do racismo seja facilitada e despercebida, os questionamentos fazem surgir uma variedade de relatos de experiências vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar,

alimentando a construção de uma visão de mundo que não se pauta apenas pelas vivências individuais, mas sobretudo, pela compreensão de que o racismo está presente de alguma maneira nas relações e interações destes estudantes.

Por fim, na quinta e última aula, é realizada a apresentação do curta- metragem “Preto no Branco”, de 2017 (direção de Valter Rege) como recurso pedagógico que abrange as discussões iniciadas a partir das aulas expositivas e assimila a representação de experiências sociais (ainda que fictícias, como no caso do curta- metragem) às teorias apresentadas em sala, afirmando assim uma compreensão do cotidiano de pessoas negras ao enfrentamento ao racismo, que enquanto estrutura, segue determinando a negritude a uma inferioridade ética, moral, política, social e cultural.

Após o encerramento deste conteúdo, foi feita uma exposição avaliativa desta sequência de conteúdo, onde houve uma auto-avaliação da docente e também dos estudantes, a fim de compreender quais são os saldos positivos e o que pode ser melhorado numa próxima experiência.

DESENVOLVIMENTO

Numa manhã de aula de 2025, durante o 2º trimestre do ano letivo, enquanto organizava o início da aula de sociologia, entre as conversas dos alunos, percebi uma fala que acabou ecoando mais do que as outras em meus ouvidos. Em um contexto de “brincadeira” violenta entre os garotos, onde se perpetuam xingamentos e pequenos empurrões, a frase *“tinha que ser preto”* foi proferida. O que saiu da boca de um adolescente branco, diretamente para um garoto negro poderia ser o estopim para uma discussão maior, porém, pelo contrário, ela desencadeou risadas e afirmações contínuas dos demais colegas e do rapaz que sofreu a violência: *“verdade, coisa de preto”*. Não havia em seus semblantes ou em suas interações uma reação ao racismo ali presente, pela forma como prosseguiram sem se dar conta do que acabaram de reproduzir, sequer havia compreensão sobre tal ato, ou seja, era algo normalizado. Ao me dar conta do que estava acontecendo, fiz uma intervenção imediata chamando a atenção dos garotos e iniciei um discurso antirracista profundo, reiterando falas anteriores de que qualquer tipo de prática discriminatória e preconceituosa não seriam admitidas em minhas aulas, mas também me comprometi com a turma de aprofundar pedagogicamente os estudos sobre o que desencadeia o racismo e como ele se propaga através

de manifestações nem sempre compreendidas como violentas (por serem portanto, simbólicas).

Desenvolver um planejamento de aulas requer refletir sobre como a turma recebe este conteúdo e quais as intenções das aulas propostas. Ainda que existam dificuldades e até mesmo restrições em relação à prática sociológica na educação básica, a sociologia tem em seu cerne uma concepção crítica que conduz seu desenvolvimento pedagógico. “Para quê estudar sociologia?”, muitos estudantes se perguntam. Ora, se a sociologia, não se dispõe a ser um recurso de transformação da educação e demais estruturas da sociedade, esse tipo de pergunta não será sanada, afinal não há reconhecimento de sua composição teórica com as abstrações e a realidade material. Nesta perspectiva, poderia ter sido conduzida a situação de maneira que não se aprofundasse a complexidade de uma ação aparentemente corriqueira, mas por outro lado não estaria tensionando esse papel de educadora e de usar a sociologia como ferramenta para a reflexão e transformação social. Acreditar, como disse Pierre Bourdieu, que a sociologia é um esporte de combate (Carles, 2001), é justamente colocá-la à frente de discussões e ações que mantêm as relações sociais de forma permanente no status quo, ou seja, a sociologia deve intervir de forma crítica e acintosa perante as estruturas sociais que reproduzem desigualdades, hierarquias e a marginalização de indivíduos sobre outros. O ambiente escolar é propício para usá-la como “arma”, pois é no seio do sistema educacional que iremos encontrar indivíduos profundamente atravessados por estas estruturas.

É claro que o sistema educacional, sobretudo as tantas como anda no Estado do Paraná, onde a militarização, terceirização e a redução de carga curricular se tornam imposições, afetando diretamente o ensino de sociologia, fazem com que haja uma adaptação da idealização do planejamento e como ele irá ocorrer na prática, mas ainda assim existem brechas a serem utilizadas que podem ser propostas adaptadas a outras realidades de sala de aula. Foi a partir daí que percebi a necessidade de aprofundar o conteúdo de forma a levar a compreensão sobre o significado histórico e social das teorias eugenistas, que irão culminar na prática do racismo, sobretudo no campo da recreação, que passa despercebido entre as discussões acerca de liberdade de expressão e o “politicamente correto” (Moreira, 2019).

Após ter apresentado as concepções básicas de raça, etnia e racismo, aprofundamos em 5 aulas seguidas o significado dos termos raça e eugenia a partir do período em que se propaga o racismo científico (segunda metade do século XIX e início do século XX). A aula seguinte ao ocorrido foi iniciada com a exposição do conteúdo acerca do pensamento eugenista na Europa, onde foram apresentados três teóricos importantes para a concretização

da eugenia como ideologia e prática sistêmica na Europa ocidental: o inglês Francis Galton, que cunhou o termo eugenia, associando a ideia de “*bem-nascido*” com uma suposta supremacia racial, esta que representa o homem branco como o ápice ético, moral, intelectual, político e cultural da espécie humana (Galton, 1883). Também foi associado nesta exposição de conteúdo, o ensaísta francês Arthur de Gobineau e sua obra *Ensaio sobre as Desigualdades das Raças Humanas*, de 1853, e a classificação das três raças puras, cuja teoria defende uma “degeneração” das raças inferiores: amarela e negra, perante a branca (Gobineau, 1932). Por fim, nesta aula inicial, foi explicado sobre o médico e jurista italiano Cesare Lombroso e o livro “*O homem delinquente*” (1857), que descreve a assimilação de indivíduos a partir de suas características físicas a uma herança genética de propensão à baixa intelectualidade e alta criminalidade, assumindo que o não branco (principalmente o negro) era visto como um potencial criminoso, por sua própria gene (Lombroso, 2013). A partir desta aula, com o uso de recursos como o *educatron* (televisão acoplada a um computador, utilizado nas salas de aula do Paraná), imagens retiradas dos livros supracitados incitou olhares e expressões de ojeriza nos estudantes da turma, que demonstraram estar incomodados não com o tema da aula em si, mas com os simbolismos e significados das teorias eugenistas. As discussões que surgem a partir desta aula expositiva abarcam de maneira geral o questionamento sobre como o pensamento eugenista que atravessa tantas concepções dos indivíduos (aqui aproveitou-se um gancho para comentar sobre as relações da eugenia não somente sobre as questões raciais, mas também de gênero, sexualidade e classe) forja o pensamento e o comportamento racista, introjetado pela classe dominante nas demais camadas sociais e se tornando parte imprescindível de uma estrutura social que se pauta na inferiorização, marginalização e extermínio de indivíduos negros para manutenção do próprio poder. Não há uma aparente compreensão por parte dos alunos em relação às razões econômicas, políticas e sociais da prática do racismo, até surgir o questionamento por parte de uma aluna que, “se o racismo está ligado ao poder de um grupo social sobre outro, então ele tem” intenções exploratórias”. Também surge a reflexão acerca de como a violência do Estado controla mais corpos negros, pois argumentam sobre a relação das leis e da polícia como forma de executar ou encarcerar a população. A relação é feita quando comento sobre o reconhecimento de Cesare Lombroso como um pensador importante para a área da criminologia. Neste ponto do debate, alguns estudantes se mostraram mais abertos a participação das próximas aulas, pois além dos argumentos supracitados, alguns deles (com seus 16 a 18 anos de idade), sobretudo os negros, já vivenciaram ou sofreram violência policial. Importante salientar que os relatos de violência

policial que passam a ser comentados, possuem uma carga de conformidade com relação à experiência, de forma naturalizada e comum de seus cotidianos.

Nas duas aulas seguintes, pude observar que o interesse acerca das concepções eugenistas estavam afloradas, uma vez que os próprios estudantes questionaram se continuaríamos a estudar este conteúdo. Afirmei e dei sequência ao planejamento, apontando agora a influência do pensamento eugenista europeu irá se infiltrar na elite embranquecida do Brasil durante os séculos XIX e XX, que se utilizava dos parâmetros eurocêntricos para idealizar a própria sociedade, utilizando os argumentos citados na aula anterior como meio de articulação e conexão com o que foi explicado anteriormente.

Através da obra “*A integração do negro na sociedade de classes*”, de Florestan Fernandes, debatemos a consolidação do negro após a promoção da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, identificando qual seria o papel desta parcela da população, que agora alforriada de seus donos, não obtiveram a liberdade em sua integridade a partir do momento onde foram negados direitos básicos e o Estado brasileiro passou a promover leis de perseguição sistemática a este grupo social: a lei de imigração, a lei da vadiagem entre outros (Fernandes, 2008). Aqui seguimos discutindo como o pensamento eugenista não só inferioriza corpos negros, mas como essa inferiorização está relacionada à intenção de reduzir a população negra a “não humanos”, portanto seres animalizados e/ou bestializados.

Nesta turma em específica, os estudantes são muito participativos e conseguem rememorar conteúdos anteriores, então a partir da discussão sobre animalização de indivíduos não brancos, é retomado pelos próprios alunos suas lembranças de aulas anteriores, onde a abordagem sócioantropológica acerca do *outro* foi tema ao analisarmos as diversas percepções acerca da cultura na consolidação do mundo moderno.

Estas conexões são importantes pois demonstram que a sociologia, ainda que formatada num propósito que limita seu trabalho pedagógico, consegue despertar em estudantes uma explicação sucinta, mas introdutória sobre suas próprias experiências e o que vivenciam no cotidiano. A conexão de experiências reais com o que se discute teoricamente é importante para a compreensão de que estes estudantes são parte integrante dessa sociedade que tanto debatemos, e que portanto, tais vivências, muito distintas e ao mesmo tempo iguais entre si, não são mero acaso de suas existências.

Na aula seguinte apresentei o sociólogo Kabenguele Munanga, cuja obra “*Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*”, afirmou a relação das teorias eugenistas com a forma

que o povo brasileiro passa a ser compreendido, correlacionando sua existência e suas práticas a um ideal de inferioridade racial. Nesta perspectiva, analisamos como a construção de uma identidade nacional se pautou pela continuidade de um projeto racista e que nunca teve interesse em integrar a maioria da população brasileira, formada por negros, indígenas e miscigenados. Esta discussão salientou a forma como variados termos passam a ser utilizados para afirmação de indivíduos não brancos de forma disparate, portanto, num lugar de categorização que não permite o autoreconhecimento, ou melhor, que pulveriza o autoreconhecimento enquanto indivíduo inferiorizado nas relações étnico- raciais brasileiras.

O argumento utilizado baseou-se na ideia de que a influência do negro na sociedade brasileira “atrapalharia” o desenvolvimento de uma sociedade pautada no progresso e civilidade (positivismo). Portanto, a pluralidade racial, na visão da classe dominante brasileira, representava um obstáculo para o desenvolvimento de uma nação que se via enquanto branca. É a partir da eugenia como prática na realidade brasileira que podemos traçar panoramas das condições de vida de negros e negras no Brasil, desde 1888 até os dias atuais.

Nesta aula, debatemos também a falta de consenso entre os teóricos sobre o que fazer com esse Brasil miscigenado, onde os pensamentos de Silvio Romero, Nina Rodrigues e Oliveira Viana, apresentados como os principais ideólogos do racismo científico no Brasil, promoveram uma justificativa para a manutenção das desigualdades raciais impostas desde o fim da escravidão e a consolidação da República. A “nossa” elite tinha divergência acerca da formação da sociedade brasileira, suas teorias nem sempre eram compartilhadas entre si, pois não havia consenso sobre como seria essa nação (e também sua identidade) a partir da miscigenação de raças.

O questionamento permeava a dúvida de como constituir um povo e sua identidade através de vários povos e culturas distintas. Ainda que houvessem divergências a cargo do projeto eugenista no Brasil, a elite brasileira (formada por médicos, juristas, intelectuais etc.) tinha um argumento em consenso: a ideia de que existe inferioridade racial de não brancos (principalmente negros), além do mestiço ser considerado um ser degenerado.

Para caracterizar esse pensamento brasileiro sobre a mestiçagem, faz-se necessário sintetizar criticamente seus produtores mais destacados, antes de analisar seus efeitos e suas consequências no processo da formação da identidade nacional e seu contrapeso na problemática da formação da identidade negra ou afro-brasileira. (MUNANGA, 1999)

Esta aula foi primordial para que os estudantes debatessem entre si o que foi a construção do negro na sociedade brasileira, assimilando questões como a produção da animalização dos corpos não brancos, a premissa de imoralidade e baixa intelectualidade reservou à negritude um espaço de marginalização contínua, que segue provocada pela promulgação do racismo como vigente suporte estrutural do que entendemos como sociedade brasileira (Almeida, 2020). Neste ponto, os estudantes já imersos no conteúdo passam a compreender e assimilar os ideais nazistas do século XX com a eugenia propagada em território nacional e o debate gira em torno das concepções políticas do racismo, promulgadas por dinâmicas de poder.

Então, a partir da terceira aula foi possível realizar a conexão dos conceitos eugenistas com a ideia de desenvolvimento e progresso da sociedade brasileira, relacionando corpos não brancos ao atraso e a um progresso pautado no ocidentalismo. Esta perspectiva leva inclusive a reflexão de como a inferiorização de corpos negros passa a ser alimentada no pensamento social do país, uma vez que determina toda a estrutura de organização da sociedade brasileira, relacionando corpos não brancos, mas sobretudo negros à todas as mazelas experienciadas no cotidiano da população, que passa a naturalizar a ideia de que negros, indígenas e mestiços são originalmente as causas de um Brasil que não se desenvolve aos moldes europeus de civilização. Aqui discutimos como a identidade negra passa a ser tratada, mesmo enquanto supostamente livre e como a relação deste pensamento, somado às práticas cotidianas do racismo, mantém viva a ideia de inferioridade em relação à branquitude.

A quarta e penúltima aula deste planejamento quinzenal, aproveitou-se da discussão ainda “quente” entre os estudantes, para que pudéssemos aprofundar algumas questões que fazem parte do cotidiano dos mesmos. Nesta aula propus uma dinâmica diferente da aula expositiva, onde foi realizado um grupo focal, com a intenção de tensionar questionamentos argumentados anteriormente pelos estudantes, conflitando com suas experiências pessoais. Perguntas como: *“você já vivenciou ou presenciou a prática do racismo em algum contexto do seu cotidiano?”* e *“como você combate o racismo no dia- a- dia?”* foram iniciais, mas imprescindíveis para que após uma rodada de respostas pouco elaboradas, as experiências de vida dentro e fora da escola fossem suscitadas, incluindo o questionamento sobre como se dá a interação entre amigos e amigas brancos(as) e não- brancos(as), enquanto o racismo está presente em suas ações.

Ao final do esclarecimento da conexão sobre a eugenia com a prática do racismo, sobretudo recreativo, alguns estudantes se mostraram arrependidos de suas falas em momentos anteriores com seus colegas e pediram desculpas por suas ações, pois compreenderam a partir dos debates, que por mais que saibam relacionar como a prática racista forja a sociedade brasileira, por justamente fazerem parte desta mesma estrutura social, são passíveis de reproduzirem a inferiorização e a marginalização de corpos negros, através da sua relação consigo e com o outro (a lembrar que a prática do racismo não se limita somente ao branco sobre o não branco, mas também na afirmação e no autoreconhecimento enquanto não negro por indivíduos que são lidos enquanto inferiores por suas características físicas e culturais). A importância da realização do grupo focal se deu justamente por poder apontar, sem uma condenação prévia, mas sim com caráter pedagógico, as incongruências entre os saberes e as práticas desses estudantes que ao mesmo tempo, vivenciam e reproduzem continuamente o racismo sem reconhecê-lo como tal.

Por fim, na quinta e última aula deste planejamento, com a intenção de ilustrar visualmente todos os debates elaborados nas aulas anteriores, assistimos o curta metragem “Preto no Branco” de 2017, cuja história conta a prisão em flagrante de um jovem negro, por suposto furto de celular de uma mulher branca, que utiliza de seus privilégios para criminalizar o rapaz sem provas concretas. Este curta foi escolhido por duas razões específicas: a primeira foi a necessidade de encaixar um recurso metodológico no tempo hábil de uma aula de sociologia, onde fosse permitido após a exibição, a centralização de um debate, ou conversa final sobre o conteúdo explicitado. E também, por articular na dramaturgia, experiências próximas às relatadas no grupo focal e nas demais aulas, que surgiram como desabafos vistos muitas vezes como diminutos, mas que ao serem articulados com o conteúdo, passam a ter um real significado e entendimento da própria realidade. A partir do curta-metragem, os estudantes apontaram na história, onde a eugenia se coloca de maneira explícita na tratativa dos personagens ao longo do enredo e como a identidade negra (Nilma, 2012), a violência e a eugenia caminham de mãos dadas para a manutenção do negro enquanto um problema social: um grupo social desumanizado, animalizado e inferiorizado a partir da própria existência política, histórica e social.

Após o encerramento do conteúdo, a turma foi organizada em grupos de até 5 pessoas, onde deveriam debater entre si sobre a importância do conteúdo apresentado, respondendo de maneira consensual questões como: *“como a eugenia e a formação social brasileira dentro de um contexto racista afeta a sua realidade nos dias atuais?”*, *“por que é importante estudar*

sobre racismo nas escolas?” e por fim, “como combater o racismo no espaço escolar?”. As respostas dos grupos foram variadas, porém entram em consenso ao apontarem que, em suas palavras, são afetados pelos ideais eugenistas pois aprendem desde cedo (uns mais, outros menos) a reproduzir práticas racistas sem perceber como a realidade de outras pessoas são interferidas por isso. Alguns alunos e alunas negros discursaram como aprenderam desde a infância a se proteger e também a se defender ao experienciarem situações racistas, mas que anterior às aulas, tinham uma percepção individual e não coletiva destas vivências. Portanto, apontaram como a elucidação do conteúdo e a comunicação direta, os fizeram compreender o que significa de fato a estrutura racial. Também foram enfáticos ao dizer que a escola (não somente o colégio citado, foram apresentadas experiências vividas em outros lugares) é um espaço onde o pensamento e a ação racista estão presentes no cotidiano, nem sempre sendo possível denunciar, ser ouvido e acolhido. Tanto nas relações entre os próprios estudantes e a interação com a estrutura escolar apresentam dinâmicas onde o racismo, sobretudo o recreativo, aparece de maneira nítida e muitas vezes não percebida, sujeita a ser ignorada pois não existe um preparo de todos os responsáveis pelo trabalho docente para combater tais práticas. Por último, alguns timidamente argumentaram que o trabalho idealizado pela professora é um caminho a ser seguido para que o racismo seja banido do espaço escolar, mas que este trabalho não deve ser idealizado por um ou outro professor, e sim por todo o corpo docente, demais trabalhadores da escola e os próprios estudantes. Ao final do trimestre, foi realizado entre os estudantes da turma uma autoavaliação e avaliação das aulas desenvolvidas, onde anonimamente escreveram em folhas entregues, suas percepções acerca de como elas ocorreram. Nos comentários surgiram críticas às formas como alguns colegas interagem a partir da prática do racismo, mas ao mesmo tempo também apareceram autocríticas com relação aos próprios comportamentos, analisando-os de forma reflexiva e visando realizar uma revisão de suas ações para com os demais colegas.

CONCLUSÃO

O dinamismo do racismo dentro do espaço escolar impõe a necessidade de estarmos sempre reinventando não o conteúdo, mas sim as práticas docentes acerca de um tema tão complexo e profundo, que diz respeito à existência dos próprios estudantes.

Infelizmente, nas resoluções estaduais de educação, o currículo de Sociologia é escanteado, fazendo com que temas tão relevantes sejam pouco abordados ou que haja uma dificuldade em desenvolvê-los em sala, devido à falta de tempo (baixa quantidade de horas/

aula, por exemplo), falta de comprometimento com a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008 e outros problemas que acerbam a educação das relações étnico-raciais no Brasil. Porém, enquanto professores, é necessário que estejamos atentos às interações e relações sociais estabelecidas entre estudantes, dentro e fora da escola, a fim de compreender como esse dinamismo se dá nas práticas sociais e como iremos abordá-las em sala de aula.

O cinema é um recurso didático importante para que haja não somente a contextualização do tema, mas que se ilustre as experiências vividas no cotidiano, onde a semelhança coincide com a realidade. Como apontou Petrolina Silva (2007), a educação étnico-racial não começa necessariamente na teoria, mas sim a partir das interações que se dão no meio social, a forma como as pessoas se dirigem umas às outras, a fim de que desde logo se rompam com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais. A importância de desmistificar de forma específica as práticas cotidianas do racismo, não servem apenas para identificá-las, mas principalmente combatê-las e assim, formar indivíduos críticos perante a estrutura racista que vivemos.

A abordagem realizada nestas cinco aulas, aconteceu de maneira espontânea, partindo pro desenvolvimento de um planejamento especificado, levando em consideração o perfil da turma e as interações estabelecidas entre professora e estudantes, onde havia uma disponibilidade concreta, forjada a partir de uma relação construída desde o primeiro dia de aula. A consequência que se segue a partir da concretização deste planejamento parte destas relações construídas pois, ainda que a temática seja imprescindivelmente levada para o campo do combate, ao se entender que é dialogada no ambiente escolar e com indivíduos em processo de formação, este combate se dá de maneira simbólica.

Refletindo também acerca de como a formação pedagógica incita uma padronização das aulas, criando uma espécie de mecanismo invariável em que estudantes se adaptam ao currículo e não o contrário, a partir da espontaneidade que surge com o desenrolar de algo naturalizado nas interações de estudantes, se vê aqui uma possibilidade de dinamizar a maneira como o conhecimento é transpassado aos estudantes e o que eles irão fazer com estes recursos aprendidos. O fazer sociologia cada dia mais se distancia de sua concepção quando se trata da sociologia na educação básica. Todas as estruturas educacionais reforçam um caminho sem volta de prática da sociologia que se distancia de estudantes e portanto, se desconecta cada vez mais das experiências variadas que estes estudantes passam em seus cotidianos.

Para além de um sentido funcionalista que requer o conteúdo de sociologia de forma pragmática, a fim de atender os interesses mercadológicos do sistema capitalista, para que mesmo a sociologia serve? Se a intenção é usá-la como recurso que visa a transformação, para ser utilizada como instrumento no combate e nas trincheiras travadas no sistema educacional, é necessário refletir a maneira como a estamos transmitindo.

É a partir do esclarecimento pedagógico e da didática, atendendo requisitos pertinentes que cabem a cada indivíduo que compõe a turma, vai ser construída uma maneira de suscitar a reflexão acerca das estruturas sociais e como estas afetam uns aos outros, em maior ou menor grau. E aí sim, a partir de uma formação que atenda estes requisitos, que a sociologia pode ser combativa, não em relação aos indivíduos em si, mas às estruturas que forjam os mesmos e a própria instituição escolar, a qual infelizmente ainda reforça a prática do racismo em seu interno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

CARLES, Pierre. A Sociologia é um esporte de combate: documentário sobre Pierre Bourdieu. 2h26. 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIbAd2hwQms&t=6521s&pp=ygUdc29jaW9sb2dpYSBlc3BvcnRlIGRlIGNvbWJhdGU%3D>

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

GALTON, Francis. Inquiries into Human, faculty and Its Development. New York: Macmillan, 1883.

GOBINEAU, Joseph Arthur. Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas. Barcelona: Editorial Apolo, 1937.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no. Brasil, uma breve discussão. Açãoeducativa.org.br, 2012

LOMBROSO, Cesare, 1885-1909. O homem delinquente / Cesare Lombroso ; tradução Sebastião José Roque. — São Paulo : Ícone, 2013. — (Coleção fundamentos de direito)

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo / Adilson Moreira. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação, vol. XXX, núm. 63, setembro-dezembro, 2007, pp. 489-506.